

William Crookes



O homem

Sir William Crookes (1832–1919) pode ser considerado um dos mais proeminentes físicos do século XIX. Na área da divulgação científica, ele foi fundador do *Chemical News*, em 1859, e editor do *Quarterly Journal of Science*, em 1864. Em 1880, recebeu uma medalha de ouro e o prêmio de 3 mil francos, da Academia de Ciências da França.

Na ocasião em que William Crookes passou a interessar-se pelos fenômenos paranormais, houve uma grande expectativa por parte do grande público. Seu nome era por demais conhecido nos meios científicos, e o seu veredicto seria, naturalmente, aceito como decisivo julgamento do movimento então chamado *Spiritualism*.

Primeiros contatos

William Crookes conhecia, certamente, a repercussão nada favorável do relatório da London Dialectical Society, de 20 de julho de 1870. Pairava no ar uma hostilidade surda contra o *Spiritualism*. A má vontade com relação ao movimento era evidente, especialmente por parte da imprensa e do meio científico. Se Crookes decidiu sondar tão perigoso terreno, é porque naturalmente confiava no método científico positivo, com o qual se achava familiarizado. Seu interesse pelo movimento despertou após ter assistido a uma sessão com a médium Mary Marshall (1842–1884), em julho de 1869. Essa médium foi também iniciadora do doutor Alfred Russel Wallace na investigação dos fenômenos paranormais. Os fenômenos eram banais: *raps*, movimentos e levitação de uma mesa, nós dados em lenços, escrita direta em lousas etc. A partir de 1867, ela produziu sessões de voz direta, nas quais se manifestava o famoso Espírito John King.

Em dezembro de 1869, Crookes assistiu às sessões do célebre sensitivo J. J. Morse (1848–1919), o mais extraordinário médium psicofônico daquela época, e ficou bastante impressionado. Em julho de 1870, depois que Henry Slade chegou a Londres, Crookes anunciou sua decisão de investigar seriamente os fenômenos espíritas. Publicou, então, no *Quarterly Journal of Science* o artigo «Spiritualism Viewed by the Light of Modern Science» (O Espiritualismo visto à luz da Ciência moderna), no qual escreveu: «Modos de ver ou opiniões não posso dizer que possuo sobre um assunto que eu não tenho a presunção de entender». E acrescentou: «Prefiro entrar na investigação sem noções preconcebidas sejam quais forem, como do que possa ou não ser, mas com todos os meus sentidos em alerta e prontos para transmitirem a informação ao cérebro; acreditando, como creio, que não temos, de nenhuma maneira, esgotado todo o conhecimento humano ou examinado as profundezas de todas as forças físicas». Segundo ele, essas investigações lhe haviam sido sugeridas por «um eminente homem que exercia grande influência no pensamento do país». Finalmente, a derradeira sentença: «O crescente emprego dos métodos científicos produzirá uma geração de observadores que lançará o resíduo imprestável do *Spiritualism*, de uma vez por todas, ao limbo desconhecido da magia e da necromância».

O anúncio foi recebido pela imprensa com especial entusiasmo. A expectativa geral era que, dessa vez, o *Spiritualism* teria a abordagem correta, colocado em sua exata posição e avaliado em suas devidas proporções. Em suma, não receberia nenhuma aprovação; submetido ao escalpelo do método científico, ficaria evidente que tudo não passava de fraude e logro.

É difícil explicar exatamente essa aversão aos fatos do Espiritismo. A influência da Filosofia Positivista – que se difundira entre as elites culturais da Europa – talvez esclareça isso em parte. Sabe-se que o relatório da London Dialectical Society já tivera péssima recepção por parte da imprensa e também por grande parte dos intelectuais de então. E sua comissão, de 33 membros, era formada por homens ilustres. A única explicação para essa reação, seria o fato de a comissão ter concluído que os fenômenos do Espiritismo eram reais.

As investigações

Entre 1869 e 1875, Crookes realizou um número enorme de sessões com os mais variados médiuns; as de maior importância, no seu laboratório pessoal. Cinco são os principais grupos de experiências com os médiuns mais qualificados e por ordem cronológica: Daniel Dunglas Home, Kate Fox, Charles Edward Williams, Florence Cook e Annie Eva Fay. Entre as experiências esparsas, destacam-se sessões com os seguintes médiuns: senhora Marshall, J. J. Morse, já mencionado, senhora Event, o reverendo Staiton Moses, senhora Mary M. Hardy e senhorita Showers, entre inúmeros outros menos conhecidos.

Daniel Dunglas Home

As experiências feitas com Daniel Dunglas Home parecem as mais bem controladas das cinco principais séries. Foram relatadas no *The Quarterly Journal of Science*, a partir de 1871, e mais tarde enfileiradas num volume sob o título *Researches in the Phenomena of Spiritualism*, além de publicadas também nos *Proceedings of the Society for Psychical Research* (Vol. VI, 1889–90, pp. 98–127).

As experiências constaram de diversos fenômenos de efeitos físicos, como movimentos de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico por parte do médium. Para controlar e medir esses fenômenos, Crookes construiu e montou aparelhos dotados de alavancas e dinamômetros, bem como registradores gráficos operados mecanicamente. Dentro dessa categoria de fenômenos, um se destaca pelo teor inusitado: um acordeão que era tocado tendo apenas uma de suas extremidades na mão do médium. A outra extremidade, contendo as teclas, ficava dependurada. O instrumento, assim suspenso dentro de uma gaiola de madeira e arame, era misteriosamente tocado e, inclusive, as suas teclas eram acionadas por suposta mão invisível.

Foram investigados os fenômenos de percussão e outros ruídos surgidos sob a ação do médium. Objetos pesados situados a determinada distância do médium eram movimentados ostensivamente. Assim, mesas e cadeiras elevavam-se do chão por si sós. Todos esses fenômenos ocorriam, na maioria, à luz clara, permitindo absoluto controle.

O médium D. D. Home era famoso também pelas suas levitações. Diz Crookes: «Há pelo menos cem casos bem verificados de elevação do senhor Home, produzidos em presença de muitas pessoas diferentes; e ouvi mesmo da boca de três testemunhas: o conde de Dunraven, o lorde Lyndsay e o capitão C. Wynne, a narração dos casos mais notáveis desse gênero acompanhados dos menores incidentes». (Crookes, *W. Fatos Espíritos*. Rio: FEB, 1971, pp. 36 e 37).

Inúmeros outros fenômenos extraordinários foram reportados por Crookes. Entre eles, destacam-se os efeitos luminosos. Noutras ocasiões, ocorreram em plena luz fenômenos de materialização parcial. Entre as pessoas convidadas por William Crookes para assistirem e testemunharem esses fenômenos, contavam-se: Williams, seu assistente químico; Walter, seu irmão; o eminente físico e astrônomo sir William Huggins, ex-presidente da Royal Society, e o jurisconsulto Sarjeant Cox.

Para participar do grupo de observadores, foram também convidados os secretários da Royal Society, que, entretanto, recusaram o convite; não quiseram investigar pessoalmente os fatos.

Familiares de Crookes também assistiram às sessões, durante as quais os grandes sensitivos e agentes paranormais eram por ele observados e estudados.

A reação

Os relatórios de William Crookes a respeito da «força psíquica» por ele verificada de maneira inequívoca, assim como os relatos dos demais fenômenos que, de certa forma, davam apoio às teorias espiritualistas, provocaram tremenda decepção entre aqueles que esperavam justamente o contrário. Crookes, ao que parece, já contava com esse tipo de reação. Em 20 de junho de 1871, após ter enviado um primeiro relatório à Royal Society, ele escreveu: «Considero ser meu dever enviar primeiro à Royal Society, porque, assim fazendo, eu deliberadamente lanço o peso de minha reputação científica em apoio à verdade daquilo que envio».

Em julho de 1871, Crookes publicou um relato sobre a famosa série de testes com D. D. Home e também com Kate Fox, no *Quarterly Journal of Science*, sob o título: «Experimental Investigation of a New Force». Em outubro do mesmo ano e no mesmo periódico, ele publicou o artigo «Some Further Experiments on Psychic Force», com uma explicação de sua abordagem à Royal Society.

Ainda em outubro, estourou a reação pública: um violento ataque anônimo surgiu na *Quarterly Review*. O anonimato não funcionou, pois logo se soube que seu agente era o oficial de registro da London University, o conhecido biólogo doutor W. B. Carpenter, membro da Royal Society.

Em dezembro daquele ano, William Crookes publicou, no *Quarterly Journal of Science*, o artigo «Psychic Force and Modern Spiritualism a Reply to the Quarterly Review». Era a resposta ao artigo de Carpenter, desmascarando-o e refutando ponto por ponto os seus ataques.

O jornal *Echo*, de 31 de outubro de 1871, publicou uma carta anônima assinada B. Nela, o autor expôs de forma definitiva contra Crookes alguns dos rumores que se haviam desencadeado depois do artigo de Carpenter. O anônimo B referia-se a informações e críticas de um tal «Mr. J», a quem ele atribuía autoridade para julgar Crookes. Este logo descobriu o covarde autor da carta anônima, um certo John Spiller, que fora, em determinada ocasião, admitido a assistir duas sessões com D. D. Home na residência de Sarjeant Cox. Crookes achava-se presente no momento, mas não havia, ainda, iniciado suas pesquisas sistemáticas sobre a mediunidade de D. D. Home.

A essa e a todas as demais críticas, Crookes deu a devida resposta, quando reconheceu alguma importância nas mesmas.

Florence Eliza Cook (1856–1904)

A mediunidade de Florence Cook manifestou-se na infância, quando ela afirmava ver espíritos e ouvir vozes. Esses fatos eram levados pouco a sério pelos familiares, que os atribuíam à imaginação infantil. Em 1871, aos 15 anos de idade, sua mediunidade aflorou mais intensamente, desenvolvendo-se com o correr do tempo.

Em 22 de abril de 1872, numa sessão em que se achavam presentes a mãe, os irmãos e uma irmã da médium, além da criada Mary, materializou-se, parcialmente e pela primeira vez, o Espírito Katie King. Em carta dirigida a Harrison, o diretor do periódico *The Spiritualist*, de Londres, a própria Florence Cook relatou o ocorrido, pois manteve-se em vigília durante a manifestação: «Katie mostrou-se na abertura das cortinas; os seus lábios moveram-se; por fim, falou durante alguns minutos com a minha mãe. Todos puderam acompanhar os movimentos dos seus lábios».

«Como eu não a via muito bem de onde me encontrava, pedi-lhe que se voltasse para mim. Ela atendeu e virou-se. 'Com muito gosto desejo atender-te', disse. Então pude observar que a parte superior de seu corpo estava formada somente até o busto; o resto de seu corpo era uma nebulosidade vagamente luminosa.» (Rodrigues, W. L. V. *Katie King*. Matão: *O Clarim*, 1975, p.32).

Posteriormente, Florence Cook passou a entrar em transe profundo. Daí em diante, Katie King foi adquirindo mais consistência e autonomia, chegando a sair inteiramente da cabina escura e a passear livremente entre os assistentes, mostrando-se à luz clara.

Em dezembro de 1873, durante uma sessão, Katie King mostrou-se tão nitidamente que despertou suspeitas em um dos convidados, um certo W. Volckman. Este, subitamente, avançou contra Katie King, agarrando uma de suas mãos e prendendo-a pela cintura com o outro braço! Estabeleceu-se uma luta, na qual dois amigos da médium tentaram socorrer Katie King. O advogado Henry Dumphy conta que ela pareceu perder os pés e as pernas e, fazendo um movimento semelhante ao de uma foca na água, escapuliu sem deixar traços de sua existência corporal, tendo desaparecido inclusive os véus brancos em que se envolvia. Segundo Volckman, ela se libertou violentamente. Incontestável, porém, foi o fato de que uns cinco minutos mais tarde, quando se restabeleceu a calma e a cabina foi aberta, ali estava Florence Cook perfeitamente composta em seu vestido preto e calçada com suas botas. As amarras que a prendiam estavam intactas, assim como o lacre impresso com o sinete do anel do conde de Caithness, também presente, tal como no início da sessão. Foi-lhe dada uma busca, mas não se descobriu

qualquer vestígio de vestes ou véus brancos. Como resultado da brutal prova, a médium adoeceu. (Fodor, N. *Encyclopaedia of Psychic Science*. USA: University Books, 1974, p. 62).

Logo após esse incidente, Florence Cook procurou sir William Crookes e solicitou-lhe que investigasse sua mediunidade.

Naquela ocasião, por causa de certos fenômenos que ocorriam numa escola onde Florence Cook tinha um emprego, e também em virtude da repercussão na imprensa dos fatos que com ela ocorriam, a diretora demitiu-a de suas funções. Desse modo, Florence Cook viu-se desempregada. Um generoso protetor, Charles Blackburn, que se interessava vivamente pelas faculdades da senhorita Cook, ofereceu-lhe uma pensão permanente com a condição de ela manter-se em atividade mediúnica exclusivamente para fins de pesquisa científica. A referida pensão duraria enquanto Florence se mantivesse solteira. Quando ocorreu o incidente com o desastrado Volckman, Charles Blackburn excluiu Florence da assistência pública e confiou-a exclusivamente aos cuidados de William Crookes, para investigações rigorosamente científicas.

Katie King

Katie King era o pseudônimo adotado pelo espírito de Annie Owen Morgan. Ela era o «espírito-guia» de Florence Cook. Dizia ter sido filha de Henry Owen Morgan, famoso pirata protegido por Charles II e nomeado governador da Jamaica. O espírito de H. O. Morgan adotou o pseudônimo de John King, tendo-se manifestado pela primeira vez em 1850, com os irmãos Davenport. Katie King colaborou de maneira notável com William Crookes.

O testemunho de Crookes

Apesar do ataque cerrado de que foi alvo, por causa de seus relatórios sobre os fenômenos que observou e investigou durante vários anos, sir William Crookes nem uma só vez titubeou em afirmar sua convicção da realidade dos fatos por ele pesquisados.

Diante da British Association at Bristol, na sua palestra presidencial, em 1889, ele declarou: «Trinta anos se passaram desde que eu publiquei um relatório de experiências, visando demonstrar que além do nosso conhecimento científico existe uma Força exercida por inteligência diferente da inteligência ordinária, comum aos mortais. Não tenho nada a retratar. Mantenho-me fiel às minhas afirmações já publicadas. Na realidade, eu poderia acrescentar muito mais, além disso».

E numa entrevista para a *The International Psychic Gazette*, em 1917, ele repetiu:

«Nunca tive jamais qualquer ocasião para modificar minhas idéias a respeito. Estou perfeitamente satisfeito com o que eu disse nos primeiros dias. É absolutamente verdadeiro que uma conexão foi estabelecida entre este mundo e o outro.» (Fodor, N. – *Encyclopaedia of Psychic Science*. USA: University Books, 1974, p.70).

William Crookes foi o marco inicial do período científico da história da parapsicologia. Nenhum levantou tanta celeuma em torno de suas afirmações acerca dos fenômenos que observou; nenhum teve a reputação tão atacada; e nenhum foi tão firmemente honesto em suas convicções científicas quanto ele.

Fonte: www.espiritismogi.com.br